

Recensão Crítica

Turkle, S. (2015). *Reclaiming Conversation: The power of talk in a digital age* New York: Penguin Press (436 pp.).

https://doi.org/10.14195/2183-6019_6_8

Sherry Turkle é reconhecida hoje como uma voz incontornável no debate sobre a relação entre a tecnologia, a sociedade e o quotidiano dos indivíduos. Professora e investigadora no Massachusetts Institute of Technology, analisa há mais de 30 anos os efeitos das novas tecnologias digitais na identidade e no comportamento dos indivíduos comuns. Livros como *The Second Self* e *Life on the Screen*, ainda nas décadas de 1980-90, e o mais recente *Alone Together* (2011), descrevem de forma muito clara o avanço do poder de sedução das “máquinas de empatia,” o surgimento dos media sociais e das realidades virtuais, e o efeito que as novas formas de mediação têm na nossa cultura e nas nossas vidas.

É na senda deste percurso que deve ser apreciado *Reclaiming Conversation: The Power of Talk in the Digital Age* (2015), o seu último livro. Nele, a atenção volta-se menos para o funcionamento das tecnologias, para se focar na insatisfação e nas disfunções que o seu uso provoca. Deste olhar, resulta um grito de alerta para o que a autora considera serem os perigos de uma vida sempre ligada - nunca longe do email, do Twitter ou do Facebook – e

do seu impacto na vida familiar, na educação, nos relacionamentos e no emergir de novas formas de solidão. O quadro de partida é, assim, definido desde as primeiras páginas: a nossa submissão às tecnologias digitais corresponderá ao atrofiar de capacidades humanas essenciais, como a empatia e a autorreflexão.

A técnica utilizada por Turkle é semelhante à dos seus livros anteriores. Com o recurso a extensas entrevistas e a dezenas de depoimentos, mostra que “esta nova vida mediada colocou-nos em apuros” (p. 3). “Apaixonámo-nos por uma tecnologia que parece mágica. Mas, tal como a grande magia, ela atua conduzindo a nossa atenção, não nos deixando ver mais que aquilo que o mágico permite” (p. 361). Retoma assim um diagnóstico clássico (comum a toda uma tradição sociológica e filosófica que remonta, na era moderna, a Max Weber, a Georg Simmel ou aos avisos mais sombrios dos pensadores da Escola de Frankfurt), e que apresentara anos antes em *Alone Together*: as pessoas adotam as novas tecnologias com a expectativa de obterem um maior controlo sobre as suas vidas; contrariamente, o resultado é

sentirem-se depois controladas por essas mesmas tecnologias.

Ao longo do livro, este processo é explicado e ilustrado várias vezes e de diversas formas. Um exemplo: as tecnologias apresentam-se num primeiro momento enquanto “suplementos” à nossa vida, que pretendem melhorar ou aprofundar; contudo, aquilo que “começa como suplemento acaba por se tornar uma forma de vida.” Veja-se: “as mensagens [sms] não terão sido pensadas para interromperem as conversas ao jantar, mas estes suplementos à conversação acabam por se tornar uma substituição”, sempre as pessoas eliminam as formas de conversação em presença para trocar mensagens com outros ausentes (p. 170).

Na verdade, a *conversação* surge neste livro como pedra de toque e princípio organizador: é a instância que constitui o indivíduo e a sua identidade e é a partir dela que define a sua relação com os outros e com o mundo. Insere-se assim numa linha-gem teórica e mesmo concetual que percorre o interacionismo simbólico (G.H. Mead ou C. H. Cooley), mas igualmente a hermenêutica de Gadamer ou Ricoeur, para evocarmos

algumas das presenças “invisíveis” que percorrem este livro. Ora, através de diversos exemplos, Turkle descreve como a conversação se encontra hoje ameaçada em níveis sem precedentes: o seu espaço foi progressivamente ocupado por modalidades de substituição promovidas por equipamentos e aplicações digitais. Estamos a ser silenciados pelas nossas tecnologias -, noutros termos, estamos a ser “curados da conversação” (p. 9).

Grande parte do livro descreve consequências e perigos destas transformações. Olhemos, dessa descrição, a que se refere ao surgimento de *novas formas de solidão*. Turkle escolhe como quadro teórico a distinção entre dois termos, “*solitude*” e “*loneliness*”, os quais remetem, acima de outros na era moderna, para a análise proposta por Hannah Arendt no clássico estudo sobre *As Origens do Totalitarismo* (1998, São Paulo: Companhia das Letras) - onde, por sua vez, recupera a estrutura destes conceitos a partir da Antiguidade Clássica. Assumamos a tradução de “*solitude*” por “só” e de “*loneliness*” por “solitário”. Arendt descreve, na obra referida, como um Homem pode

ser *solitário* e encontrar-se rodeado por outros - com quem não consegue estabelecer contacto, ou que lhe são hostis. Já o homem *só*, por seu lado, embora sozinho, pode encontrar-se e dialogar consigo mesmo – o que concede a esse estado uma dimensão positiva, e mesmo necessária. Escrevia a pensadora alemã, a partir de Epicteto: “O Homem *só* está desacompanhado e, portanto, pode estar em companhia de si mesmo”, (...) na *solidão* sou apenas um, abandonado por todos os outros.” Acrescenta: “em rigor, todo o ato de pensar é feito quando se está a *sós*, e constitui um diálogo entre eu e eu mesmo” (Arendt, 1998, p. 528). Um diálogo, sublinhe-se, em que não se perde o contacto com o mundo e com os outros indivíduos, representados no *eu* dialógico que forma cada indivíduo.

Esta leitura permite estabelecer contacto com um outro tema clássico da teoria da cultura moderna, para o qual estamos avisados desde pelo menos Walter Benjamin, e em particular do seu ensaio sobre *O Narrador* (1992, in *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa: Relógio d’Água). Numa passagem célebre, podemos ler o seguinte: “O tédio é o

pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O simples sussurrar da folhagem afugenta-o. Os seus ninhos – as atividades intimamente ligadas ao tédio – já desapareceram das cidades e estão também em vias de extinção no campo” (Benjamin, 1992, p. 36). Sherry Turkle assume esta leitura, que identifica, de forma aguda, na era digital. “São muitas as pessoas – adultos e crianças - que atualmente ficam ansiosos sem a alimentação constante da estimulação online. Em cada momento tranquilo, pegam nos smartphones, verificam as mensagens, enviam um texto. Não toleram o tempo que alguns dos inquiridos classificam como ‘aborrecido’ ou ‘de acalmia’” (p. 23). “Se não possuímos a experiência de estar *só* – e é essa cada vez mais a realidade atual – começamos a fazer corresponder estar *só* com *solidão*”. Isto reflete o empobrecimento da nossa experiência. Se não conhecermos as satisfações de estarmos *sós*, apenas conheceremos o pânico da *solidão*” (pp. 65-66).

Se o estado descrito acima compromete a autorreflexão, uma outra capacidade seriamente afetada é a empatia. Diz-nos Turkle que jovens

altamente ligados não possuem como característica marcante a capacidade de identificarem os sentimentos dos outros; na verdade, nem mesmo a capacidade de identificarem os próprios sentimentos. A explicação encontra-se no tipo diferente de experiência de interação promovido pelas novas tecnologias – um tipo de experiência redutor e empobrecedor da interação: “se estiveres apenas parcialmente presente, será fácil perderes o subtexto emocional e não-verbal que acompanha o que os outros te estão a dizer. E, igualmente, não estarás tão atento aos teus próprios sentimentos” (p. 41).

Bem pelo contrário, o ambiente emocional dos media sociais é marcado pelo desejo de obter aprovação – a busca de *likes*. Num contexto em que o “polegar para baixo” não é opção, a simples obtenção de um valor de reações positivas aquém do esperado é, por si só, fator de desapontamento. É ainda o estímulo necessário para publicar o que se parecer com maiores probabilidades de obter a aprovação dos outros. Em resultado, emerge todo um código implícito de expressão que remete para a *partilha do positivo* e para a resposta rápida, num ambiente

em que própria demora na resposta significa “insensibilidade” e “falta de atenção” ao outro. “Em vez de promover o valor da autenticidade, [os media sociais] encorajam a performance. Em vez de ensinarem a lidar com a vulnerabilidade, sugerem a adoção do melhor rosto.” Leslie, uma das muitas jovens descritas por Turkle, que relata ser nas redes sociais onde “se sente mais importante”, é paradigmática: “não se tornou melhor a ‘ler’ os outros; tornou-se mais apta para fazê-los ‘gostar’ de si” (109-110).

Se, em livros anteriores, o enfoque de Turkle era claramente colocado no diagnóstico, o tom geral de *Reclaiming Conversation* é sobretudo terapêutico e programático – fazendo, aliás, justiça ao próprio título. “Perante as deficientes conexões do nosso mundo digital, encontra-se a cura pela conversação” (p. 5). É, assim, um livro que sublima aquilo que está em causa na conversação – o desenvolvimento da confiança e da autoestima, a capacidade de empatia, amizade e intimidade –, ao mesmo tempo que afirma a necessidade de reconhecermos a nossa vulnerabilidade face aos poderosos encantamentos da tecnologia – “admitindo a

vulnerabilidade e concebendo novos comportamentos em relação a ela”, de modo a afastar “a tentação” (p. 261).